**DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE MUSEOLOGIA E GEOGRAFIA**

Manoela Moroskoski[[1]](#footnote-1)

Mafalda Nesi Francischett[[2]](#footnote-2)

Resumo – Através das categorias geográficas, principalmente relacionadas ao espaço e tempo procuramos associar a museologia ao estudo da Geografia, de maneira a evidenciar a intensa contribuição dos artefatos culturais aos aspectos educacionais. O presente texto tem como objetivo referendar bibliografias que trazem contribuições sobre a importância do museu escolar e possíveis diálogos com a educação geográfica. Para isso, apresentamos o museu como fenômeno de estudo, pelo viés das categorias miltonianas, na sua forma, estrutura, função e processo e na possibilidade de diálogo com a educação geográfica, que é o maior desafio da prática pedagógica. Também abordamos as possibilidades da práxis educativa em relação ao ensino e aprendizagem de Geografia. E por último evidenciamos algumas possibilidades de diálogos e de inserção do temerário geográfico com objetos de representatividade humana, no espaço e no tempo. Serão abordadas três frentes que visam responder aos questionamentos da educação geográfica na museologia, que se somam para a compreensão da realidade e à transformação do lugar.

Palavras chave: Educação Geográfica. Museologia. Práticas Educativas.

Abstract – Through the geographical categories, mainly related to space and time, we seek to associate museology to the study of Geography, in order to highlight the intense contribution of cultural artifacts to educational aspects. This dissertation project aims to reference bibliographies that bring contributions about the importance of the school museum and the possible dialogues with geographic education. For this, we intend to analyze the museum as a study phenomenon, through the miltonian categories, in its form, structure, function and processes and the possibility of dialogue with geographic education, which is the challenge in this research. Also to analyze the possibilities of the educational praxis in relation to the teaching and learning of Geography. And, finally, to analyze possibilities of dialogues and of insertion of the geographic temerary and the objects of human representativity in space and time. The research will be divided into three fronts that aim to answer the questions of each specific objective. In this way, the areas of geographic education and museology are joined for the understanding of reality and the transformation of the place. The present article presents a section of the research so far.

Key words: Geographical Education. Museology. Educational Practices.

Resumen – A través de las categorías geográficas, principalmente relacionadas con el espacio y el tiempo, intentamos asociar la museología al estudio de la Geografía, con el fin de destacar la intensa contribución de los artefactos culturales a los aspectos educativos. Este proyecto de tesis pretende referenciar bibliografías que aporten contribuciones sobre la importancia del museo escolar y los posibles diálogos con la educación geográfica. Para ello, pretendemos analizar el museo como fenómeno de estudio, a través de las categorías miltonianas, en su forma, estructura, función y procesos y la posibilidad de diálogo con la educación geográfica, que es el reto en esta investigación. También analizar las posibilidades de la praxis educativa en relación con la enseñanza y el aprendizaje de la Geografía. Y finalmente analizar las posibilidades de diálogo e inserción del temerario geográfico y los objetos de la representatividad humana en el espacio y el tiempo. La investigación se dividirá en tres frentes que pretenden responder a las preguntas de cada objetivo específico. De este modo, las áreas de educación geográfica y museología se suman para la comprensión de la realidad y la transformación del lugar. Este artículo presenta una parte de la investigación realizada hasta ahora.

Palabras clave: Educación geográfica. Museología. Prácticas educativas.

**Introdução**

 Entendemos que por meio do resgate da memória, aqui entendido como um processo pelo qual chegarmos ao conhecimento geográfico, historicamente produzido e socialmente construído, para o qual “[...] o conhecer é um processo social e histórico, não um fenômeno individual e natural”. (CAVALCANT, 2005, p.189).

Embora a relação entre Geografia e museu é pouco explorada no ambiente escolar, os espaços-lugares [museus] apresentam ou ocultam o conteúdo geográfico, acumulado no tempo e no espaço e pode ser um instrumento de dialógico, viabilizador e utilizado como recurso na mediação do ensino de Geografia. (SANTOS, 2016, KUNZ, 2016).

Logo, é necessário que tenha a devida apropriação dos museus na Geografia e vice-versa. Tornando assim, natural e orgânico a contextualização histórica no âmbito escolar com o auxílio dos espaços de representação humana.

Como principal aparato temos alguns recursos registrados em artigos, teses e dissertações, concluídos ou editados, nas duas últimas décadas sobre museu, museologia e Geografia. Nos possibilitando diálogos com a educação geográfica. Esta metodologia compreende o levantamento de bibliografias já publicadas em forma de livros, periódicos (revistas), teses, anais de congressos, indexados em bases de dados. Cuja finalidade seja de proporcionar ao pesquisador o acesso à literatura produzida sobre determinado assunto, como ponto de partida, servindo de apoio para o desenvolvimento de trabalhos científicos e análise das pesquisas. O objeto de estudo é o Museu inserido no espaço geográfico com a intencionalidade educativa.

A primeira etapa foi selecionar os documentos em PDF’s, utilizando o filtro “Museu e Geografia”. Quando o corpus estiver constituído, a discussão e análise iniciam uma abordagem. No segundo momento foi a análise dos documentos, etapa que se caracterizou por uma atividade investigativa com interpretação dos documentos coletados, na busca por respostas dos diálogos sobre a problemática que motivou a pesquisa, sobre o possível papel do Museu na Educação Geográfica.

Em uma terceira etapa foi realizada a localização dos problemas e das fontes, os arquivos que pertencem a este processo investigativo. Quarta etapa foi agrupar as categorias. Na quinta etapa foi analisar, interpretar e fichar estas produções científicas sobre o temerário.

### **Problemática**

“Somente a História nos instrui sobre o significado das coisas. Mas é preciso sempre reconstruí-la, para incorporar novas realidades e novas ideias ou, em outras palavras, para levarmos em conta o Tempo que passa e tudo muda.” (SANTOS, 1983, p. 11).

Materializado no espaço geográfico, os objetos são lidos para além de um vestígio na paisagem, que explica um acontecimento histórico e geográfico, já que “[...] muito antes da escrita, para transmitir a memória coletiva do grupo usavam desenhos [pinturas rupestres] para representar eventos importantes e preservar o saber acumulado pela experiência” (PANIZZA, 2014. p. 175). Assim, o espaço geográfico como resultado da junção dos sistemas de objetos e ações, concede aos geógrafos entender o resultado das ações humanas mediante a análise do presente sobre o passado (SANTOS, 1997). Por isso, relaciona a memória, consequentemente com a ciência geográfica e devem ser lidos, os objetos como formas de garantia da preservação de uma memória passada, na qual se estabelece uma linguagem complexa composta de signos, sentimentos e símbolos representativos de uma dada realidade, pois “o objeto se manifesta não por palavras mas pelo que representa”. (SANTOS, 2000, p. 18).

Quando todos os lugares foram atingidos, de maneira direta ou indireta, pelas necessidades do processo produtivo, criam-se, paralelamente, seletividades e hierarquias de utilização com a concorrência ativa ou passiva entre os diversos agentes. Donde uma reorganização das funções entre as diferentes frações de território. Cada ponto do espaço torna-se então importante, efetivamente ou potencialmente. Sua importância decorre de suas próprias virtualidades, naturais ou sociais, preexistentes ou adquiridas segundo intervenções seletivas. (SANTOS, 1988, p. 11).

Esta seletividade e intencionalidade é representada de maneira coerente nos espaços museológicos, afim de transparecer a realidade e afirmar a história. Por isto da importância do museu na Educação Geográfica.

Santos (1988) afirma que o espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas. E complementa que sua definição não pode ser encontrada senão em relação a outras realidades: a natureza e a sociedade, mediatizadas pelo trabalho. O espaço, considerado com um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento. O espaço, por conseguinte, é um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento.

Contudo, se o espaço é sociedade em movimento, conseguimos abordar uma relação direta com os objetos representantes em um museu e assim, utilizá-lo como eixo para construir conhecimentos geográficos de apropriação e de totalizador.

É necessário compreender a existência em seus processos mais objetivos e subjetivos. Logo, há necessidade de compreender o espaço geográfico e sua relação com a sociedade que produz e mediatiza fundamentos e significados para o objeto musealizado.

Quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos. Isto é: "únicos", que ocorre devido a especialização desenfreada dos elementos do espaço:- homens, firmas, instituições, meio ambiente, à dissociação sempre crescente dos processos e subprocessos necessários a uma maior acumulação de capital, à multiplicação das ações que fazem do espaço um campo de forças multidirecionais e multicomplexas, onde cada lugar é extremamente distinto do outro, mas também claramente ligado a todos os demais por um nexo único, dado pelas forças motrizes do modo de acumulação hegemonicamente universal. (SANTOS, 1983).

Tendo em vista esta “unidade” dos lugares e a dinâmica fluída entre os elementos do espaço, a exploração geográfica de caráter especulativo e educacional dialoga com os museus mais específicos e singulares e também com os mais globais. As escalas a serem usadas nas práticas educacionais é que irão direcionar a escolha do Museu e reflexões acerca.

Transformações qualitativas e quantitativas que por muitas vezes, se fazem abstratas e incompreensíveis. Desta maneira, a validade das mediações educativas se aproximarem do maior número de recursos possíveis, e também entre as áreas do conhecimento, se comprova, pois o objetivo é uno. Se objetivamos que o aluno realize a tomada de consciência, que Paulo Freire nos apresenta, trabalhar a história, o espaço, a representatividade humana em diálogo é um caminho construtivo.

Museologia, sem dúvida, aparenta ser um ponto de convergência mais evidente que há entre as esferas geográfica educativas e a museológica, abordada como perspectiva de conhecimento sobre os tempos e espaços. Neste texto estabelecemos o diálogo com as contribuições de Milton Santos, Vigostsky e Bacthin. Nos posicionando com um olhar crítico na Geografia, com análises das dinâmicas socioespaciais defendidas por Santos (2012a; 2012b; 2012c; 2014), com evidências para o lugar-espaço-tempo. Num entendimento multiescalar viabilizado por essas dimensões que levam à compreensão do território, numa escala local-global e vice-versa.

Meneses (1993; 2000; 2002) discute o papel do museu na sociedade e destaca um novo significado das atribuições que lhe são dadas e seu verdadeiro papel. Tipologias e história dos Museus com François Mairesse (2005; 2013), Dominique Poulot (2013).

Para conceituar a refletir a práxis educativa e seus entornos com o museu e a educação geográfica utilizaremos das produções de Antônio Gramsci ( 2010), também em suas Cartas do Cárcere (2011). Buscamos compreender a prática no âmbito escolar, social e cultural contextualizado. Também com o auxílio de Adolfo Sánchez Vásquez (1977), com Filosofia da práxis no processo da consciência comum, na consciência filosófica da práxis, com convergências e divergências marxistas sobre a praxis.

**Filosofia da Práxis**

Quando Gramsci e Maquiavel nos colocam uma importante questão: qual é a função “educativa” de uma descrição objetiva dos mecanismos do poder político e, no caso de Gramsci, dos mecanismos da ideologia? Educar as pessoas para que tenham uma postura realista e, consequentemente, participem da luta política contra os poderes, ou então desvendar o lado oculto da política, para que as pessoas desconfiem da mesma, vivam sua vida de forma independente e tenham uma opinião própria à margem do poder político. (MONASTA, 2010)

Ainda sobre isto,

[...]Gramsci entende que o pensamento crítico é a investigação contínua e o desvendamento das bases materiais da própria teoria, isto é, a crítica da utilização ideológica da teoria. Concluindo, Gramsci não é “cientificamente neutro” em sua estratégia educativa. A seu juízo, existe um particular enfoque ideológico, isto é, educativo, que é preferível a qualquer outro, não por razões teóricas, nem porque algum enfoque seja “certo” e os outros sejam “falsos”, mas, sim, por razões práticas: é a “filosofia da práxis”, um instrumento ideológico para expandir a consciência das massas sobre o mecanismo da política e da cultura e sobre a determinação histórica e econômica das ideias, tornando as massas populares melhor capacitadas para controlar suas vidas e “dirigir” a sociedade ou “controlando os que a dirigem. (MONASTA, 2010, p. 30)

Logo, não se trata de uma ideologia partidária e sim de um instrumento pensado para quem mais precisa ser pensado, as massas populares, pois são as mais fragilizadas pelo sistema em seu geral.

Isso nos leva a refletir para talvez, novos caminhos da educação e talvez um único caminho da real cidadania, que nos parece tomar vários diferentes sentidos quando se trata da educação. O saber político, também está diretamente relacionado com a emancipação e o real protagonismo do sujeito. Uma vez que, ele compreende onde se coloca na sociedade e na divisão social do trabalho, compreende seu papel (limitações e contribuições).

Para Gramsci (2010), a “filosofia da práxis” é uma expressão autônoma que define, em seu entendimento, o vínculo inseparável entre a teoria e prática, o pensamento e a ação. A originalidade da “filosofia da práxis” se assenta no fato de que é a única “ideologia” que pode criticar a si própria, isto é, que consegue descobrir as raízes “materiais” (ou seja, econômicas e políticas) de todas as doutrinas e articular entre si, permanentemente, a teoria com a prática. Logo, a essência está na importância indispensável de uma filosofia que interprete sua realidade e identifique seus pensamentos perante a realidade material.

Manu aqui precisa trazer alguns resultados das leitura que fez sobre até agora sobre museu e geografia

**Conclusão**

A visão dos Geógrafos para o Museu, se constitui fundamentadas nas duas principais categorias Espaço e Tempo, constituídas através de um levantamento bibliográfico, se trata da representatividade humana materializada em um espaço (museu) ao decorrer de um determinado tempo, que deve ser apropriado e refletido pelas práticas educativas geográficas.

Logo, observamos a necessidade deste olhar geográfico, de se apropriar na medida das possibilidades dos diversos contextos escolares. Uma vez que, a construção do conhecimento geográfico atribui diretamente o conhecimento histórico e as descontinuidades e continuidades do processo de territorialização e significados então produzidos.

**Referencias**

AULER, D. **Enfoque ciência-tecnologia-sociedade: pressupostos para o contexto brasileiro**. Campinas: Ciência & Ensino, 2007. Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 6, n. 12, p. 259-273, jul./dez., 2016.

BRUNO, M. C. O.; NEVES, K. R. F. (Coord.). **Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento: propostas e reflexões museológicas.** São Cristovão: Museu de Arqueologia de Xingó, 2008.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira; FONSECA; NEVES. **Mudança social e desenvolvimento no pensamento da museóloga. IN???????**

BRUNO, Maria Cristina Oliveira e ARAÚJO, Marcelo Mattos e COUTINHO, Maria Inês Lopes. Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinapoteca do Estado de São Paulo.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Musealização da arqueologia um estudo de modelos para o projecto de Paranapanema.** In: Cadernos de Sociomuseologia, n. 17. Lisboa: ULHT, 1999.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museologia e Museus - os inevitáveis caminhos entrelaçados. In**: Cadernos de Sociomuseologia**, n. 25. Lisboa: ULHT, 2006. Como eu Ensino, 2014 de Educação em Geografia, Campinas, v. 6, n. 12, p. 259-273, jul./dez., 2016.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia.** In: Educação geográfica e as teorias de aprendizagens. Cadernos Cedes, nº 66, Campinas, SP: 2005. p. 185-207.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. 5. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

GRAMSCI, Antonio. Tradução Paolo Nosella**. Coleção Educadores**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana. 2010.

HARVEY, D. **O Neoliberalismo: história e implicações.** São Paulo: Loyola, 2008. interdisplinaridade: natureza do conhecimento geográfico no saber escolar. Revista

KUNZ, Sidelmar Alves da S.; CASTIONE, Remi**. Espaço geográfico e interdisplinaridade: natureza do conhecimento geográfico no saber escolar.** Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 6, n. 12, p. 259-273, jul./dez., 2016.

MAIRESSE, François; DESVALLÉES, André. **Brève histoire de la muséologie, des inscriptions au musée virtuel.** In: MARIAUX, P. A. (Ed.). L´objet de la muséologie. Neuchâtel: Université de Neuchâtel, Institut d´Histoire de l´Art et de Muséologie, 2005. (Col. L´Atelier de Thesis, n. 2).

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos.** Lisboa: Edições 70, 1993.

MARX, Karl**. O Capital.** Livro 1, v.1. 10 ed. São Paulo: Difel, 1985.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de**. A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento).** Anais do Museu Paulista, Nova Série, número 01, 1993.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **Educação e museus: sedução, riscos e ilusões.** Ciências & Letras. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, n. 27, p. 91-101, 2000.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O museu e o problema do conhecimento. In: **A pesquisa no Museu como produção de conhecimento original.** Anais do IV Seminário sobre Museus-Casas. Pesquisa e Documentação. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002.

MONASTA, Attilio. **Antonio Gramsci.** Recife: Editora Massangana, 2010.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Território na Geografia de Milton Santos.** São Paulo: Annablume, 2013.

OLIVEIRA, Carlos Augusto de**. A musealização do território: uma aproximação entre Geografia, Educação e Museologia na Cohab Raposo Tavares**. São Paulo: Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, 2016.

PANIZZA, Andrea de Castro. **Paisagem.** São Paulo: Melhoramentos. Coleção

PERONI, V. M.V; CAETANO, M.R; VALIM, P.L. N**. Neoliberalismo e Neoconservadorismo nas políticas educacionais para a formação da juventude brasileira.** Jornal de Políticas Educacionais. V. 15, n. 36. Agosto de 2021.

PINO, Angel Sirgado. **O conceito de mediação semiótica em Vygostky e seu papel na explicação do psiquismo humano**. In: Cadernos Cedes. Campinas, São Paulo: Papirus/Cedes, n.24, 1991, p.32-43.

PINO, Angel Sirgado. **O social e o cultural na obra de Vigotski**. In: Educação e Sociedade. Campinas, São Paulo: Cedes, ano XXI, n.71.

POULOT, Dominique. **Museu e Museologia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

RIKOWSKI, G. **Privatização em educação e formas de mercadoria**. Retratos da Escola, Brasília, v. 11, n. 21, p. 393-413, jul./dez. 2017.

SANTOS, F. S.; MARTINS, S**. Novo ensino médio: consequências e perspectivas para a formação dos jovens.** Revista Pedagógica, v. 23, p. 1-27, 2021.

SANTOS, Fabricia de Oliveira. **Geografia e Museus: proposta de diálogos**. São Paulo. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 6, n. 12, p. 259-273, jul./dez., 2016.

SANTOS, Fausto Henrique dos**. Metodologia Aplicada em museus**. São Paulo: Editora

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço.** Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

TONET, Ivo. **A educação numa encruzilhada**. In: MENEZES, Ana M. D.; FIGUEIREDO, Fábio F. (orgs). Trabalho, sociabilidade e educação:uma crítica à ordem do capital: UFC, 2003. Disponível em http://ivotonet.xp3.biz/arquivos/A\_educacao\_numa\_encruzilhada.pdf. Acesso em: 02 dez. 2020.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis**. Tradução de Luiz Fernando Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VIGOTSKI, Lev Semenovich**. Psicologia pedagógica.** Edição comentada. Porto Alegre: 2003.

VYGOSTKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

1. Mestranda do Programa de Pós- Graduação em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná/ Campus Francisco Beltrão- Área de Concentração: Educação. Linha de Pesquisa: Cultura, Processos Educativos e Formação de Professores. E-mail: manoelalehr@hotmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Professora dos Programas de Pós-graduação em Educação e em Geografia da Unioeste/FB. E-mail: c [↑](#footnote-ref-2)